



Luiz Fernando Bindi
José Renato S. Santiago Jr.



OS DISTINTIVOS DE FUTEBOL MAIS CURIOSOS DO MUNDO



© 2011 Luiz Fernando Bindi e José Renato S. Santiago Jr.

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Estagiária
Leika Regina Inoue

Projeto gráfico, diagramação e ilustração
iSee Comunicação

Preparação
Otacílio Nunes

Revisão
Alexandra Costa da Fonseca
Ana Maria Barbosa
Alessandra Miranda de Sá

Colaboração
Gustavo Longhi de Carvalho

Impressão
Yangraf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bindi, Luiz Fernando

Os distintivos de futebol mais curiosos do mundo/ Luiz Fernando Bindi, José Renato Sático Santiago Júnior. – 1.ed. – São Paulo: Panda Books, 2011. il. 208 pp.

ISBN: 978-85-7888-117-7

1. Heráldica. I. Santiago Junior, José Renato Sático, 1970-. II. Título.

11-1848

CDD: 929.6
CDU: 929.6

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

"A gratidão é a maior das virtudes e base de todas as outras."
Cícero – filósofo romano

A Luiz Fernando Bindi, para sempre o Pelé dos distintivos.

A todas as pessoas essenciais para a nossa formação:
Eliana, Erna, Oswaldo, Wally, Hermelindo, Theresa, Francisco e Célia.
Nilcéia, Maura, José Renato, Ruth, Oswaldo, Noelzinda e Felipe.

AGRADECIMENTOS

Para todos aqueles que visam perpetuar e valorizar
a memória do futebol.

Aos companheiros de grandes desafios, John Mills
e Marcelo Unti.

Aos meus filhos de coração, Bruna, Felipe, Isabel,
Marcos e Mariana.



DISTINTOS CURIOSOS


É escudo? É distintivo? Podem ser os dois? Não sei. Mas conheço dois distintos pesquisadores que podem me oferecer a melhor definição. Um deles é o José Renato Sátiro Santiago Junior, que gosta de história, detesta estórias, e sabe muito de quase tudo. O outro é o Luiz Fernando Bindi, que, como o amigo em comum, o incomum jornalista Claudio Zaidan, sabe de tudo porque não se "acha". Logo, não se perde. Busca as informações, traduz as imperfeições, e explica com a humildade dos grandes quanto é dois mais dois, qual é a cor exata do crepúsculo, e a divindade da mulher – e do Ademir da Guia.

Se os autores do livro são tudo isso, imagine a obra deles: *Os distintos de futebol mais curiosos do mundo* não apenas desenha as artes dos nossos ídolos e artistas das lutas dos gramados. Explica o porquê de burros voarem em Verona, qual a formato do distintivo do Ipswich, o que significa aquela constelação no escudo do Boca Juniors, o significado do brasão de Brunei. Conta os porquês de um esporte onde os "comos", "ondas", "quantos", "quandos" e outras perguntas normalmente ficam sem resposta. Aqui você encontra algumas com dois mestres.

José Renato segue resgatando a história com o trabalho maravilhoso sobre memória do futebol, que conta com a participação de fanáticos por futebol e pela história, que ama os fatos e os procura entre ácaros, detestando o quanto se chuta no futebol nas tribunas, microfones e bancos de reservas. Aquelas lândeas que viram lendas de botequim. Lances e jogos que costumam dizer que aconteceram na Copa de 1968, na Irlanda. Quando não houve Copa, onde não teve Mundial. Apenas jogo de boca.

O Bindão faz história lá do céu. Tanta gente para Deus levar e Ele escolheu nosso amigo para iluminar e dar mais ciência e consciência ao paraíso. Em julho de 2008, o Luiz Fernando nos deixou órfãos de amizade, companheirismo, sabedoria e humildade. Este livro nos dá o imenso prazer de compartilhar lições de um cara que todo dia ainda nos ensina. A chance de poder folheá-lo com o mesmo prazer com que a gente o ouvia no rádio, o lia no site e no blog, e trocava mensagens pela internet a respeito de futebol, vida, amores e paixões.

Enfim, tudo que se encerra em nosso peito vestido por um escudo que ele e o José Renato sabem o que significa. Mas que nenhum de nós saberia descrever a dor que é um amigo ter de escrever um texto para um livro de outro amigo que não está aqui para autografá-lo.



José Renato, obrigado pela chance de poder trazer um pouco do Bindi para o leitor.

Bindi, obrigado pela oportunidade de continuar sendo nosso amigo distintivo, escudo contra a ignorância nossa de cada dia.

Leitor, obrigado por jogar junto neste time de apaixonados que, sem a hipocrisia dos remunerados da bola, pode beijar o escudo de cada um dos 360 clubes deste livro.

Mauro Beting



APRESENTAÇÃO

Durante dois anos, entre 2006 e 2008, Luiz Fernando Bindi participou às segundas-feiras do programa *Fanáticos por futebol* na Rádio Bandeirantes, de São Paulo. Quase no final do programa, apresentado pelo jornalista Marcelo Duarte, ele tinha a missão de desvendar mistérios sobre um distintivo de time de futebol. Podia ser uma frase escrita em árabe ou russo, uma estátua estranha ou até mesmo a figura de um desconhecido. Nenhum ouvinte ficava sem a resposta daquele que já era considerado um dos maiores pesquisadores de futebol no Brasil.

Quando decidi escrever este novo livro, Bindi selecionou todas as respostas que havia dado no rádio e ainda elegeu outros distintivos de clubes bastante curiosos. Bindi faleceu em julho de 2008, aos 35 anos, antes de concluir este trabalho.

Essa missão coube, então, a outro pesquisador, José Renato Sátiro, tão apaixonado por futebol quanto Luiz Fernando Bindi. A família de Bindi escolheu José Renato para seguir à frente com o site <www.distintivos.com.br>. Nada mais lógico que o mesmo José Renato fosse escalado para finalizar os escudos pré-selecionados por Bindi. José Renato preparou também um novo capítulo dedicado à história dos maiores clubes de futebol do Brasil e do mundo, que não entraram na primeira lista do livro.

Uma obra escrita a quatro mãos, por dois apaixonados por futebol!



UM POUCO DE HERÁLDICA

Quando se fala em heráldica, é normal que se pense em tempos medievais, nas grandes batalhas de filmes, na nobreza, nos cavaleiros e nos brasões. Na verdade, a heráldica é mesmo mais ou menos isso.

Chama-se de heráldica (termo que, segundo o *Dicionário Houaiss*, "... deriva do francês *héraldique* 'relativo ao brasão!..'") tudo o que se relaciona à ciência que estuda, analisa e desenha brasões de armas ou escudos e sua respectiva evolução. A própria palavra escudo advém da proteção que os contendores de torneios e guerras usavam à frente de seus corpos. Como eles precisavam se distinguir no campo de batalha ou de disputas (pois estavam, via de regra, usando capacetes), começaram a desenhar símbolos no escudo que carregavam.

É difícil afirmar quando se começou a falar de heráldica ou quando teve início o estudo dos brasões. O primeiro livro conhecido que fala de símbolos é o *De insigniis et armiis*, de Bartolus de Saxoferrato, professor da Universidade de Pádua, escrito na década de 1350. No seu livro *Ciencia heroyca*, publicado em 1725, o espanhol Marqués de Avilés (citado por Ignacio R. Tomás) diz que o brasão é a arte de tornar compreensível, com suas cores, figuras e ornamentos, tudo o que se quer representar num desenho. Ou seja, o brasão gravado no escudo serve para exprimir, antes de qualquer coisa, tudo o que se pensa e tudo o que se idealiza.

Apesar de se reconhecerem elementos heráldicos desde o Império Romano, a heráldica como a conhecemos e estudamos hoje existe desde o século XII, sempre na Europa Ocidental, onde até hoje é largamente analisada.

Se, no início, o desenho feito nos escudos era absolutamente aleatório, em geral remetendo a animais ferozes, com o passar do tempo, esses desenhos se tornaram hereditários e começaram a seguir um conjunto de regras e convenções criadas e gerenciadas por funcionários militares especificamente designados para isso, já que a determinação desses símbolos era prerrogativa real. Esses profissionais receberam o nome de "heraldos", que eram os oficiais encarregados das proclamações solenes e dos brasões.

Dessa origem militar surgiu o nome do principal objeto de estudo da heráldica: o escudo. Como foi dito, era sobre o escudo que se desenhavam objetos escolhidos pelos cavaleiros ou a estes outorgados pelo poder real. Com a popularidade dos desenhos nos escudos, eles começaram a ser utilizados em outros lugares, como quadros, portas, fachadas de lojas, anéis e até como ornamento de caixões e túmulos.

Por essa razão, prefiro usar os termos escudo ou distintivo para esses símbolos que representam os clubes: afinal, para a torcida, os jogadores são guerreiros em campo, são contendores de uma batalha contra seus rivais.

Formatos

Para este livro, é interessante saber quais os tipos de escudo que existem. São formatos-padrão que, por incrível que pareça, são até hoje utilizados em quase todos os escudos de times de futebol: como será visto a seguir, dificilmente um clube usa uma forma alternativa de distintivo.

	Escudo do final do século XIII		Montenegro
	Escudo do final do século XIV		Togo
	Escudo espanhol		Deportivo Concepción (Chile)
	Escudo moderno ou francês		Santo André (SP)
	Escudo inglês		Federação Paulista de Futebol (SP)



Escudo suiço dos séculos XVIII e XIX



Atlético Mineiro (MG)



Escudo italiano



Pro Vercelli (ITA)



Escudo renascentista



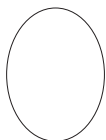
Olimpo (ARG)



Escudo "targe"



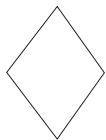
KFC Uerdingen (ALE)



Escudo oval



Juventus (ITA)



Escudo feminino ou em losango



Werder Bremen (ALE)



**DISTINTIVOS
CURIOSOS, DIVERTIDOS
E INUSITADOS**



AARHUS Dinamarca

Aarhus Gymnastik Forening
AARHUS



Aarhus é a segunda maior cidade da Dinamarca e abriga o clube de mesmo nome, um dos mais antigos do país, com fundação em 1880. Apesar de desenvolver muitas atividades esportivas, tem o futebol como seu principal esporte. O distintivo do clube traz o brasão de armas da cidade.

Criado por volta de 1250, o brasão foi adotado oficialmente como símbolo da cidade somente em 1356, quando a cidade foi reconstruída depois de ter sofrido uma grande inundação. Dentro dele vemos são Paulo (do lado direito, segurando uma espada) e são Clemente (protetor da cidade, à esquerda, segurando uma âncora, simbolizando a nobreza).



ACADÉMICA DE COIMBRA Portugal

Associação Académica
de Coimbra – Organismo
Autónomo de Futebol
COIMBRA



Usando uniforme completamente preto (algo raro no futebol), a Académica de Coimbra, cujo título principal é a Copa de Portugal da temporada 1938-1939, tem um apelido muito curioso: Briosa, idêntico ao da tradicional Portuguesa Santista.

No escudo do time, uma torre chama a atenção. É a torre do relógio da Universidade de Coimbra, representada em preto para simbolizar a cor negra utilizada nas vestimentas de professores e formandos, já que o time foi fundado por estudantes da universidade. Do alto da torre é possível ver todo o centro velho de Coimbra e também o rio Mondego, que atravessa a cidade.



ADAMSTOWN ROSEBUD

Austrália

Adamstown Rosebud
Football Club
ADAMSTOWN



Trata-se de uma equipe semiprofissional fundada em 1889. Chegou a disputar a principal competição da Austrália, ainda sob o nome Newcastle Rosebud United, remetendo ao nome da região metropolitana de Newcastle, onde se localiza a pequena cidade de Adamstown, que possui apenas 5 mil habitantes, sendo que metade dessa população caberia no estádio local.

A rosa no escudo evidentemente faz referência ao nome do time, que por sua vez reproduz o do navio cargueiro *Rosebud*, vindo da Inglaterra e de propriedade de Edward Hobson, um dos maiores colonizadores da Austrália.



ADELAIDE CITY

Austrália

Adelaide City Football Club
ADELAIDE



Mais uma equipe que adotou como nome o mesmo da sua cidade de origem. O Adelaide City foi fundado por descendentes de italianos. Em 1946, adotaram inicialmente o nome de Juventus, que, assim como o uniforme, foi mais do que uma inspiração na italiana Juventus, La Vecchia Signora. Entre 1966 e 1977 passou a se chamar Adelaide Juventus.

O escudo do time mostra um canguru, animal típico e símbolo da Austrália; uma zebra, apelido do time derivado das suas camisas listradas em preto e branco; e três estrelas, que simbolizam os três títulos nacionais do time. Sua principal conquista foi a Copa Interclubes da Oceania, em 1987.